

Ana Tércia Rosa Alves¹

AS ASAS DE PÉGASO

Durante a era de ouro
Muitos heróis existiram
Condecorados com louro
Monstros terríveis feriram!
Glória é o grande tesouro
De seu dever, não fugiram

Canto ao herói de Corinto
Que viveu há tanto tempo
O seu nome hoje é um mito
Sua lenda é um passatempo!
Porém, tenha o entendimento
Não caiu no esquecimento

Corinto era Éfiro chamada
O ardiloso Sísifo governava
E Eurínome foi abençoada
Pois deusa Atena a motivava
Com Glauco estaria casada
Era o que a deusa desejava

De Sísifo, Glauco descendia
Um príncipe muito gentil!
Mas o ardiloso rei sofria
Castigos no tártaro vil!
E o casal desconhecia
O outro castigo sutil

Os ardis do esperto Sísifo
A Zeus muito irritou
A descendência do rei rico

¹ Psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Especialista em Psicologia Hospitalar pelo Centro Universitário União das Américas; Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Jataí. E-mail: ana.tercia@ufms.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1319-2642>.

O deus assim eliminou
Por causa desse castigo
Estéril Glauco ficou

Eurínome era muito bela
Aos deuses servia devota
Poseidon quis unir-se a ela
Que o aceitou sem demora
Um filho no ventre dela
Fruto da união que aflora

Nasceu assim Belerofonte
Que honrava a casa de Glauco
Seu sangue vinha de outra fonte
De um deus, para ser exato
Belo, inteligente e forte
E sempre muito sensato

Quando a maiordade chegou
O príncipe sofreu um tormento
Um grave acidente ocasionou
E um jovem morreu no momento
Ensanguentada a sua mão ficou
E a pureza voou com o vento

Ao exílio foi condenado
Purificação era necessária
Buscou-se um rei bem-amado
Sem purificação, ele era um pária!
Só após o sacrifício adequado
Retornaria à amada pátria

Em Tirinto o rei Proito vivia
E ao nosso herói recebeu
Melhor anfitrião não havia
A purificação aconteceu
Mas sua beleza a rainha via
A harmonia da casa morreu

O desejo consumiu a rainha
Que seduzir o herói tentou

Sabia ele que não convinha
Trair quem o purificou
Sua negação ofendeu a rainha
A rejeição ela não aceitou

Maldade invadiu o coração
Um plano vingativo forjou
Disse ao marido uma ilusão
De estupro ao herói acusou
O rei irou-se com emoção
E a morte do herói desejou

Proito conhecia as leis
Matar o herói não podia
Hospitalidade acima dos reis
Respeito ao hóspede devia
Enviou-o à Lícia de vez
O rei dali o conhecia

Iobates era sogro de Proito
E a Lícia governava em paz
Recebeu o herói com bom gosto
Pois ignorava o pedido tenaz
Com banquetes recebeu o moço
E viu como o herói era audaz

Quando soube da acusação
Desejou matá-lo também
Aflito ficou seu coração
Da hospitalidade era refém!
Não podia matá-lo com sua mão
Deveria maquinar muito além

Enfrentar a terrível Quimera
Iobates ao herói obrigou
Ela era uma temível fera
Ninguém nunca a derrotou!
Morreria assim sem espera
Foi isso que o rei pensou

Até Peirene o herói andou

Fonte de beleza incomum!
E ali um cavalo encontrou
Igual a ele não há algum
Com belas asas ele voou
Solitário, era apenas um

O cavalo o herói desejou
Pois suas asas o ajudariam
Quimera era terrestre, observou
E do alto eles a atacariam!
Como salvar-se planejou
Derrotá-la conseguiriam

Mas o cavalo era selvagem
Agressivo ele o encontrou
Tentou domá-lo com coragem
Mas nem sequer o tocou
Adormeceu com a sua imagem
Desiludido, p'ra Morfeu passou!

Seus sonhos Atena invadiu
Ajudá-lo, ela desejava
Sacrifício a Poseidon pediu
Entregou-lhe uma rédea encantada
O cavalo que uma vez foi hostil
Não fugiria, Palas assegurava

Sem demora, o herói acordou
E ergueu um altar para a deusa
E ao seu divino pai sacrificou
Um touro de muita beleza
Até Peirene ele retornou
Atrás da primeira proeza

O alazão continuava hostil
Quis fugir com violência
Mas a rédea ele não previu
Atuou o herói com sapiência
No momento em que a rédea agiu
O cavalo amansou com premênciia

A união entre herói e cavalo
Era maior do que imaginava
Seu irmão era o animal alado
O mesmo pai compartilhava
“Pégaso” era assim nomeado
Poseidon dele cuidava

Irmãos uma vez unidos
Partiram para a proeza
Quimera com grandes rugidos
Derrotariam com destreza
Com lança estavam munidos
A usariam com esperteza

Do alto lançaram a arma
Com dor o monstro ficou
Embora iria sua alma
Sua vida ali encerrou
O herói olhou-a com calma
Três cabeças ele matou!

Depois de feita a proeza
Alegre à Lícia voltou
Livre estava, certeza
Mas o rei não o liberou
Para completa pureza
Outro trabalho ordenou

Contra os Sólimos lutaria
Guerreiros de sangue valente
Contra vários, morreria
Nisso pensava somente
O rei não imaginaria
Que o herói era diferente

Com proteção dos deuses
E ajuda do irmão alado
Dominou a todos eles
Isso não era esperado
Mortos estavam aqueles
Foram todos derrotados!

Depois de feita a proeza
Alegre à Lícia voltou
Livre estava, certeza
Mas o rei não o liberou
Para completa pureza
Outro trabalho ordenou

Contra Amazonas lutaria
Guerreiras de sangue valente
Contra várias, morreria
Nisso pensava somente
O rei não imaginaria
Que o herói era diferente

As nobres filhas de Ares
Pelearam bravamente
Contra os filhos dos Mares
Lutaram igualmente
Delas chegaram os pesares
E perderam lentamente

Ao saber do novo feito
Iobates então tramou
Uma armadilha sem defeito
Com amigos arquitetou
Queriam atacar o eleito
Covardemente maquinou

Com Pégaso ajudando
Belerofone escapou
Como se tivesse brincando
A todos ele matou!
Não havia mais engano
Sua divindade, o rei notou

Iobates enfim compreendeu
Que inocência o herói tinha
Muitos presentes lhe deu
Até a filha que mantinha
A Filônoe recebeu

Bela como as divinas!

Para sua amada pátria
Belerofonte enfim retornou
Era um herói, não mais um pária
E todo povo o admirou!
Sua fama foi até a Cária
Seus feitos imortalizou

Anos de felicidade teve
Um reino ele governou!
A bela esposa manteve
E filhos com ela criou
Amou-os como se deve
Como ele, ninguém reinou!

Mas a vida humana é sofrida
A felicidade não é eterna
Tristeza vem à nossa vida
Nem o herói escapou desta
Grande foi a sua ferida
Lágrimas vieram por ela

Quando a velhice chegou
Sofreu a grande tristeza
Dos três filhos que amou
Dois perdeu com frieza
Tânatos suas almas ceifou
Perdeu sua maior riqueza!

Sem seu amado tesouro
Vagou sozinho em Aléia
Ignorou os deuses em choro
Não queria mais plateia
Não havia mais decoro
Termina assim sua odisseia

Cantei ao herói de Corinto
Que viveu há tanto tempo
O seu nome hoje é um mito
Sua vida é um grande exemplo!

Sua lenda, apesar do lamento,
É um eterno firmamento!

Data de submissão: 30/09/2024

Data de aceite: 09/04/2025